

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: ESTUDO E RELATO DO ESPAÇO EM UMA SALA DO 2º DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Glenda Camila Rodrigues de Oliveira Costa

Resumo

O presente artigo apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas. Apresenta o relato de uma experiência de observação em um ambiente escolar, especificamente, na sala de aula do segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola Municipal da cidade de Três Lagoas/MS. A observação ocorreu através do estágio no Programa de Residência Pedagógica durante o primeiro semestre de 2023. No decorrer do período foram observados aspectos da sala de aula como, organização, estrutura, mobiliário, iluminação e conforto térmico, bem como conforto sonoro. Foi observado como estes elementos influenciavam nas relações e no aprendizado. A proposta deste trabalho é discutir a organização da sala de aula nos anos iniciais da alfabetização e como esta disposição influencia nas relações entre os pares, além de seus prováveis impactos no processo de ensino-aprendizagem. Ao observar todas as possibilidades apresentadas, as disposições do ambiente, o mobiliário e a estrutura física da sala de aula, é possível ver que o espaço se adapta à estrutura física sem levar em conta as interações entre os alunos, o espaço da sala, a influência que a sociedade tem sobre esse meio ou como a organização da sala afeta a construção de um cidadão.

Palavras-chave: Sala de Aula, Sociedade, Organização.

Introdução

Este artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre a importância da organização do espaço para a aprendizagem das crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental, apresentando o Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas. As observações relatadas, foram feitas a partir do estágio realizado no Programa de Residência Pedagógica (PRP). Este é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem como finalidade proporcionar meios para o desenvolvimento da Residência Pedagógica que é executada por Instituições de Ensino Superior (IES), que contribuem para a formação inicial do professor. Foi possível observar o ambiente de uma sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental, que é onde ocorrem os primeiros contatos com intencionalidade de alfabetizar os novos integrantes da sociedade. (BRASIL, 2023).

O estágio no Programa de Residência Pedagógica tem como objetivo:

Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos; estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional e induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula (BRASIL, 2023).

Dessa forma, o estudante da licenciatura de diversas áreas tem a oportunidade de vivenciar as experiências da atuação profissional pedagógica em um programa que visa o enriquecimento da formação inicial desses profissionais de forma prática. Sendo assim, a observação relatada neste trabalho foi feita durante o estágio no PRP no ano de 2023.

A atividade desenvolvida no PRP consistiu em acompanhar o professor regente - o qual passou no processo seletivo do edital do programa -, em sua rotina escolar, desenvolvendo atividades pedagógicas. Dentre estas vivências, destacam-se o planejamento, a regência da aula, a produção de material pedagógico, a correção das atividades, a participação da rotina da sala e o desenvolvimento de métodos de recomposição de aprendizagem.

Durante o primeiro semestre do ano de 2023, nos meses letivos de março a junho, foi feita a observação do ambiente apresentada neste relato de experiência. O espaço analisado se trata de uma escola da rede municipal de Três Lagoas - Mato Grosso do Sul, que comporta mais de 1000 alunos, sendo 566 no período matutino e 552 no vespertino totalizando 1118 alunos.

A escola possui dezoito (18) salas de aula, separadas em 3 blocos, o primeiro possui as salas do Ensino Fundamental II, o segundo as salas da Pré-escola e primeiro ano do Ensino Fundamental I e no terceiro bloco estão as demais salas do Ensino Fundamental I. A sala observada é a única que está separada das demais, com acesso por meio da quadra escolar. A parte administrativa fica próxima ao bloco do ensino fundamental II e é composta por três (03) salas. A escola possui ainda uma (1) biblioteca que divide espaço com a sala de PRONAE (Programa Nacional de Assistência ao Ensino), uma (1) sala de professores, um (1) laboratório de informática, duas (2) despensas e um (1) almoxarifado, dois (2) banheiros com oito (8) cabines,

uma (1) cozinha, um (1) refeitório, uma (1) quadra coberta, um (1) *playground* e um (1) campo de areia. Este artigo irá se ater apenas à já informada, que atende o segundo ano do ensino fundamental possuindo em média 21 alunos (o número de alunos oscilou entre 20 a 24 durante o primeiro semestre).

A escolha deste tema surgiu a partir de minha experiência na primeira formação em Arquitetura e Urbanismo. Essa formação me trouxe um olhar mais atento às questões relacionadas ao espaço e sua organização, fazendo-me buscar sempre uma melhor compreensão da forma e da função que regem um espaço. Porém fui instigada a entender o espaço da sala de aula além das práticas, como uma estrutura física que constrói conhecimento junto ao espaço e sua forma.

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é realizar uma discussão sobre a influência da organização do espaço da sala de aula no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Além disso, gostaria também de fazer uma breve discussão a respeito da atuação da sociedade no ambiente escolar e como essa pode interferir no funcionamento do espaço.

O poder do conhecimento

Ao adentrar a sala de aula com o olhar de futura professora, mas também de profissional da arquitetura, não pude deixar de pensar nas inúmeras possibilidades, bem como limitações do espaço físico enquanto local de apresentação e oferta do mundo do conhecimento.

Ao analisar a função não só da sala de aula, mas da escola como um todo, Young a descreve como detentora do ‘conhecimento poderoso’ que “refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo”, assim sendo, quando a sala de aula é mentalizada, é possível imaginá-la como um palco de um grande espetáculo que ocorre diariamente. Esse espetáculo seria a transmissão do conhecimento poderoso aos alunos. (Young, 2007, p. 1294)

Segundo o referido autor, o conhecimento pode ser dividido em duas partes. A primeira é que o conhecimento pode ser definido como aquele ligado ao cotidiano e ao contexto do indivíduo, que pode ser adquirido a partir de processos, manuais ou regras. A segunda refere-se ao conhecimento que é desenvolvido independentemente

do contexto e cotidiano, sendo que uma de suas características é que ele é universalizado, ou seja, para todos os alunos, sendo adquirido unicamente na escola. Por isso para Young (2007) o conhecimento escolar é também conhecido como “conhecimento poderoso”, ou seja, apesar de técnico ele é capaz de mudar a realidade da sociedade de forma universal.

A partir dessa ideia, a sala de aula, local de estudo deste relato de experiência, será vista como ambiente poderoso, já que é nela que a transmissão de conhecimento acontece. Por esse motivo, é necessário que ela deva ser munida de algumas ferramentas materiais para que exerça sua função com excelência, como lousa, cadeiras, painéis, armários, mesas, além do conforto térmico e de luminosidade, mobiliário que caracteriza esse local.

O poder do material

Ao discutir o mobiliário é possível observar que ele contribui para que a sala de aula possa comportar crianças de diversas estaturas de forma igualitária, universal e confortável. Desse modo, quando uma sala de aula é idealizada, seu mobiliário é uma representação concreta do uso daquele espaço. As mesas e cadeiras são a primeira característica de um ambiente escolar, o conhecimento ali compartilhado também é um atributo desse ambiente.

Dessa forma, o material e o design da mobília importam. Nesse ponto vale ressaltar que o INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia) define normas que privilegiam o conforto e a ergonomia dos alunos. Dessa forma as mesas possuem cores diferentes que define a faixa etária dos usuários de acordo com a estatura. (BRASIL, 2015)

Modelo	Cor	Faixa de estatura dos usuários
CJA-03	amarelo	1,19 a 1,42m
CJA-04	vermelho	1,33 a 1,59m
CJA-05	verde	1,46 a 1,76m
CJA-06	azul	1,59 a 1,88m

Imagem 01: Medidas de referência de modelos, cores e altura dos usuários das mesas e cadeiras escolares (FNDE, 2015).



Imagem 02: Imagem ilustrativa das mesas e cadeiras.(FNDE, 2015)

Da mesma forma que o espaço e o conteúdo contribuem no ambiente escolar e no processo de aprendizado da criança, o mobiliário da sala de aula coopera no processo de ensino-aprendizagem. A disposição do material é de extrema importância, pois é através dela que as relações serão estabelecidas no meio. Teixeira e Reis (2012, p. 164) discutem que “a forma como o mobiliário está disposto pode ter influência no tempo de aprendizagem escolar e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.” Sendo assim o modo como o ambiente poderoso é organizado, influencia no desenvolvimento dos estudantes. As autoras fazem referência às ideias de Durkheim (1998) em relação ao espaço e a sociedade, uma vez que estes dois elementos não podem ser separados.

O poder da sociedade

A sala de aula não se estrutura apenas no conteúdo concreto e conhecimento. Existem relações sociais ali reproduzidas que dizem a respeito da organização social na qual a escola está inserida.

Costa e Menezes (2009, p.31) dizem que:

A educação talvez seja a atividade mais tipicamente “humana” que a humanidade realiza. A partir do momento em que os bebês esboçam os primeiros sinais de que são capazes de “aprender”, inicia-se um processo pedagógico que persiste por toda a sua vida. Assim, a todo o momento estamos sendo “educados”. A princípio pelos nossos pais e familiares mais próximos, posteriormente pelos meios de

comunicação de massas (rádio, televisão, jornais, revistas etc.), pelas pessoas com as quais convivemos, enfim, pela sociedade.

Assim, a sociedade é o local onde mais se aprende, sobre costumes e hábitos, sobre histórias e o passado. Dessa forma, estando a sala de aula inserida dentro da sociedade, também se torna local de aprender.

Sobre a relação entre espaço e sociedade, Teixeira e Reis (2012) apresentam a ideia de Lefebvre (1986, p.165) que é baseada em três perspectivas:

[...]prática social – que engloba a produção e a reprodução dos lugares e dos conjuntos espaciais próprios de cada sociedade; as representações do espaço – que dizem respeito às relações de produção e à ordem que estas impõem, implicando a existência de conhecimentos, signos e códigos específicos, e, por último, espaços de representação – associados ao cotidiano e ao vivido, ao lado clandestino e subterrâneo da vida social.

Dessa forma, ao discutir sobre a sociedade e o espaço, é possível encontrar as três perspectivas supracitadas, de modo que a sala de aula é um ambiente de reprodução, no qual as relações são imitadas, assim como o cotidiano e os códigos da comunidade, de forma que o ambiente não pode se dissociar da sociedade (Durkheim, 1912 apud, Madalena, 2012, p. 165).

Garcia (2016, p. 50) apresenta a ideia de Bourdieu e Passeron em relação a influência da sociedade no ambiente escolar, mostrando que uma “atividade habitual e pacífica, realizada com a convivência de todos os participantes do processo, acaba por ser um processo de reprodução dos valores da sociedade muito mais eficiente e eficaz do que qualquer outra prática social”, ou seja a sociedade utiliza espaços como o ambiente escolar para inserir valores e regras as crianças e adolescentes, que estão em um período de desenvolvimento social, sendo considerados os novos cidadãos da mesma.

A exemplo desta reprodução de valores, o Brasil do século XX era considerado um país em expansão industrial e econômica, bem como momento de construção das suas legislações que englobavam a educação, a sociedade, a igualdade e a democracia. No que consiste o avanço da indústria, foi requerido da sociedade mão de obra barata em grande escala. Esta situação desencadeou uma grande evasão escolar, afim de que as necessidades sociais fossem sanadas. (Ventura, 2001, p. 9)

No entanto, de acordo com Ventura, 2001, essa revolução industrial no Brasil resultou no avanço da tecnologia no meio de trabalho, carregando consigo a necessidade de profissionais qualificados para conduzir o maquinário, que estava em evolução desenfreada. Nesse momento da história, o propósito social exigia que estes profissionais soubessem ler, escrever, interpretar e contar.

É nesse cenário que a EJA (Educação de Jovens e Adultos) surge, na década de 1940. Foi a primeira vez que se iniciaram as discussões sobre a educação de jovens e adultos. Entre 1940 à 1950 quando o percentual de analfabetos era de 55% da população brasileira. A UNESCO deu os primeiros passos para essa iniciativa, estimulando a criação de programas nacionais de educação de jovens e adultos. A medida que o Brasil crescia como um país industrializado, a necessidade de mão-de-obra aumentava e gerava o interesse que os operários fossem escolarizados. Logo, o SENAI passou a oferecer não só alfabetização como também cursos nas áreas da indústria a fim de que ambas necessidades fossem supridas (Ventura, 2001, p. 3 - 4).

Outrossim, é incontestável que entre tantos programas de Educação de Jovens e Adultos, no período de 1960 a 1964, duas concepções sobre essa modalidade surgiram, a primeira é vista como educação libertadora, sendo uma forma de conscientizar. Já a segunda é tida como educação funcional, a qual se destina a treinar a mão-de-obra para ser mais produtiva e útil para o país (Ventura, 2001, p. 9). Neste ponto da história, podemos ver a educação e o espaço escolar sendo utilizados para formar operários para o mercado de trabalho, a fim de se treinar o estudante para exercer uma função. Cabe destacar que essa não havia sido a primeira vez que tal feito ocorria no Brasil, mas não vamos nos ater a isso nessa discussão.

Desta maneira, com o decorrer da história do Brasil, por diversas vezes conseguimos observar que a educação e o ambiente escolar, sendo utilizados para atingir interesses econômicos, industriais, políticos, religiosos ou sociais, onde adquirir o conhecimento poderoso não é a principal finalidade.

O poder da organização.

Após observar a importância do conhecimento, do mobiliário e da sociedade, cabe pontuar outro ponto importante da sala de aula, a organização. Normalmente, as salas de aula são organizadas de forma tradicional – mesas e cadeiras enfileiradas – e as organizações diferenciadas são deixadas para aulas específicas.

Sobre a organização do espaço, Teixeira e Reis (2012, p. 166), trazem a classificação de espaços sociófugos e sociópetos. Os espaços sociófugos dizem respeito a organização estagnada, segundo a qual não há alteração. Não obstante, os sociópetos são ambientes fluidos, de modo que promovem “participação natural do aluno, assim como há outros que podem dificultar essa participação”. A exemplo disso, temos a organização circular e em U que “constituem a melhor formação para as discussões, pois permitem que os alunos se vejam uns aos outros, condição fundamental para a interação verbal”.

Já a organização enfileirada, fixa, diz respeito a espaços sociófugos que faz parte de um modelo:

tradicional da organização do espaço da sala de aula era de tal forma considerada benéfica, em épocas anteriores, que as filas das carteiras estavam presas ao chão. No entanto, revela ser a mais adequada para situações nas quais os alunos devem concentrar a sua atenção no professor, na informação escrita no quadro ou projetada, quer durante a exposição de um tema quer durante o trabalho individual no lugar (Teixeira e Reis 2012, p. 172-176).

Essas organizações em suma podem ser uma representação da sociedade, quando diz respeito às necessidades dessa. Além disso, são capazes de estabelecer as relações na sala ou de bloquear as interações.

Nesse contexto, também é relevante pontuar a forma de obtenção do conhecimento dentro deste espaço. Em seu livro “A formação social da mente” Vygotsky (2007, p. 95-96) fazendo contraponto com outros autores, discute o desenvolvimento e aprendizado das crianças, diferenciando o aprendizado sistematizado e o não sistematizado. Revelando que o sistematizado, que é o ensino escolar, se propõem a apresentar as crianças algo totalmente novo, enquanto o não sistematizado que é o pré-escolar, não corrobora para o desenvolvimento de novos aprendizados. Para o autor, além da sistematização existe também o conteúdo que se aprende. Dessa maneira, o autor apresenta a Zona de Desenvolvimento Proximal como ferramenta para explicar os níveis de desenvolvimento que podem fazer uma relação real “do processo de desenvolvimento e a capacidade do aprendizado”. (Vygotsky, 2007, p. 95)

Ainda, para explicar as relações de aprendizado entre o próprio aluno e os demais participantes dentro do espaço escolar, Vygotsky (2007, p. 95-98) descreveu dois níveis de zonas de desenvolvimento em seu trabalho. O primeiro é o Nível de

Desenvolvimento Real que diz respeito ao desenvolvimento mental que já foi atingido, de ciclos já completos, ou seja, retrata o caso de crianças que são capazes de solucionar um problema ou concluir uma atividade sem auxílio e intervenção. Já o segundo é o Nível de Desenvolvimento Proximal que é definido pelo autor como “funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação”, em outras palavras seriam aquelas crianças que necessitam de um auxílio para concluir uma atividade ou um problema. Estes últimos estão no processo para atingir a zona de desenvolvimento real, que é a esperada. No entanto, o autor aponta que a Zona de Desenvolvimento Proximal não é o resultado final da criança, que não ficará estagnada, mas irá avançar para a Zona de Desenvolvimento Real.

A respeito das interações dentro da sala, quando uma sala consegue interagir entre seus componentes e trocar experiências, bem como aprendizados, a Zona de Desenvolvimento Proximal passa a acontecer de forma efetiva. Isso torna a Zona de Desenvolvimento Real uma meta alcançável. Assim, quando os alunos que internalizaram as habilidades do conteúdo primeiro são colocados como par de um aluno que está próximo, no entanto precisa de alguma ajuda para desenvolver e adquirir as habilidades e competências, os conceitos de Zona de Desenvolvimento passam a apresentar progressos (Vygotsky, 2007, p. 95-98).

O ambiente que discutimos é composto por alguns elementos, sendo eles: espaço físico, que diz respeito à construção e estrutura, mobiliário, que faz referência às mobílias que compõem esse espaço, disposição, que trata das possibilidades de organização desse espaço e sociedade, que é a referência das relações que ocorrem dentro desse ambiente.

Onde nasce a experiência

A seguir, será realizado o relato de observação que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2023, nos meses de março a junho. Para relatar a experiência nesse ambiente durante os meses em questão, será realizada uma divisão das categorias analisadas para que possam ser discutidas separadamente de forma compreensiva. As categorias serão divididas da seguinte forma: espaço físico, mobiliário e possibilidades de diferentes disposições, e por fim, as relações nesse

meio.

Espaço físico

Conforme dito anteriormente, a sala de aula em questão é a única que fica distante do grupo das salas de aula, além de ser a menor da escola. Sua porta de acesso fica em frente à quadra escolar e a parede das janelas fica ao lado do *playground*. Tanto as atividades na quadra quanto no *playground* afetam o andamento da aula em relação ao conforto acústico. O espaço mede 4,55 x 7,65 metros e em uma das paredes de menor perímetro (4,55 metros) há a porta de acesso, sendo que na parede oposta à porta localiza-se a lousa de quadro branco. Em uma das paredes de maior perímetro (7,65 metros) contem janelas basculantes (que dá acesso ao *playground*).

De acordo com o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), o Manual de orientações técnicas, volume III - Elaboração de projetos de edificações escolares - Ensino Fundamental (em desenvolvimento) especifica que a sala de aula deve ter uma área mínima por de 1,30m² por aluno, sendo a recomendada de 1,50m² por aluno, além de 0,55 m para circulação (em uma sala organizada em duplas). Assim sendo, para uma sala para 24 alunos seria necessário uma área 31,20m² se utilizar como referência a medida mínima e 36,00m² utilizando a recomendada, sem contar a área de circulação entre as mesas. (BRASIL, 2023 p.83). Dessa maneira, apesar da área interna da sala de aula ser um total de 34,80 m², respeitando a medida mínima, entretanto não condiz com a medida recomendada, o que possivelmente afeta a locomoção dos alunos. Vale lembrar que esse cálculo diz respeito a medida de área por alunos, a medida de 0,55 m de corredor de circulação não está inserida nesse cálculo.

Em se tratando de conforto acústico, já foi mencionado anteriormente a grande incidência de som que esse ambiente sofre devido sua localização na escola. De acordo com Beraneck (Resende, 1954 apud Pereira, 2019), “as condições inadequadas conforto acústico em ambientes escolares resultam no comprometimento da comunicação verbal entre professores e estudantes, debilitando

o desenvolvimento dos alunos e a voz dos professores”. Sendo assim, os ruídos sonoros do qual estamos falando aqui (externos e internos) afetam mais do que a comunicação em sala, ele afeta o aprendizado e a saúde dos professores. A solução para esse obstáculo seria a proposta de realocação dessa sala dentro da escola.

Como foi dito anteriormente a escola está situada em Três Lagoas no estado de Mato Grosso do Sul. O estado se encontra na região Centro-Oeste do Brasil e o bioma predominante nesse município é o cerrado que é caracterizado por um período chuvoso seguido por um período seco, nesse sentido a máquina de ar condicionado é de extrema importância, dada a quantidade de alunos no pequeno espaço, sua existência na sala é de grande relevância para o conforto térmico do ambiente.

Para finalizar a apresentação do espaço físico, um ponto não menos importante que os demais é a iluminação do ambiente. A iluminação natural é de extrema importância em ambiente, pois além de promover bem estar, saúde e está associada ao consumo de energia (Libardi, 2017, p. 16). A iluminação artificial é de extrema importância também, neste caso quando a iluminação natural não pode ser desempenhada de forma eficiente durante todo o período de uso do ambiente (Libardi, 2017, p. 21).

A partir dessa compreensão de iluminação natural, é preciso ponderar que o ambiente analisado não recebe luz natural. O prejuízo na iluminação natural é decorrente da presença de um *playground* que fica localizado na área externa ao lado da janela, dessa forma, a luminosidade fica a cargo das lâmpadas incandescentes. Apesar da janela ter potencial para fornecer 100% de luminosidade, está perde sua funcionalidade ao receber uma grande cobertura externa, deixando a iluminação da sala comprometida.

Infelizmente, esse espaço não pode ter sua estrutura alterada sem que seja necessária uma reforma do local. A estrutura física é delimitada pelas paredes que de igual forma limitam o espaço social. A função de sala é exercida em uma forma que pode ser chamada de inadequada segundo os diversos exemplos aqui apresentados.

Mobiliário

Na arquitetura existe um termo chamado de Ergonomia que refere-se a adequação do ambiente às pessoas que irão utiliza-lo, de forma que proporcione

“condições ambientais agradáveis, estabelecendo assim melhorias na qualidade de vida, bem-estar, conforto, segurança e saúde dos indivíduos, bem como uma maior eficiência, eficácia e produtividade na realização de tarefas” (Dias, 2015, p. 2)

Quando se adentra ao ambiente da sala de aula apresentado neste trabalho é possível observar que o tamanho da sala é muito pequeno para a quantidade de mobiliário existente - estantes, armários, mesas e carteiras em grande quantidade. A sala de aula necessita de 24 carteiras e cadeiras (o número máximo de alunos matriculados no primeiro semestre de 2023). Além disso, como o ambiente funciona nos dois períodos - matutino e vespertino -, possui três estantes e um armário com chave. O armário com chave é dividido pelas professoras regentes dos dois períodos. Das três estantes, duas são utilizadas pelas professoras regentes dos dois períodos e a outra estante é dividida pelos professores de área - Língua Inglesa, Educação Física e Arte.

Por conta da quantidade de alunos e mobiliário necessário a Ergonomia do ambiente fica comprometida, a locomoção e organização são dificultadas. A sala acaba se tornando um emaranhado de corredores apertados, mesas e carteiras dispostas, de forma a prejudicar o desenvolvimento dos alunos, bem como bem estar e conforto. A disposição atual demonstra mais a necessidade de organização para que todos se acomodem em uma carteira, do que a promoção do ambiente poderoso.

Possibilidades de diferentes disposições e as relações nesse meio

Por conta do tamanho da sala e da quantidade de mobiliário as possibilidades de disposições diferentes são limitadas. Sempre que a professora regente chega na sala ela está organizada em quatro fileiras com as carteiras separadas, porém ela reorganiza o espaço para otimizá-lo, tanto na circulação quanto na proposta de aprendizado em pares. Isso facilita o progresso das Zonas de desenvolvimento proximal, propiciando a interação entre os alunos adjacentes e, posteriormente, as Zonas de desenvolvimento real.

A primeira possibilidade observada foi a organização original, disposta pelos colaboradores da unidade que fazem a limpeza das salas, que são quatro fileiras individuais. Esse modelo é utilizado apenas quando a professora regente não tem a primeira aula e quando os alunos vão fazer avaliações externas. Foi notório que após

uma aula do professor de área com as carteiras enfileiradas o volume das conversas se tornava alto e a comunicação inviável. Por diversas vezes os alunos tentavam se comunicar com os colegas que estavam sentados em outras fileiras, por sua vez, outros alunos faziam o mesmo. Logo, os alunos se dispersavam, perdendo a concentração na aula e nas atividades propostas. Nesses momentos a solução mais viável tomada pela professora regente foi a reorganização da sala na primeira ou segunda possibilidade, a fim de redistribuir os alunos para melhorar a interação entre eles e a concentração.

A organização enfileirada é a mais conhecida por ser utilizada nas escolas brasileiras já há bastante tempo. O enfileiramento é uma estrutura intencional que busca a produção de alunos passivos, sem autonomia, sem conhecer seu verdadeiro potencial e sem contato com seus pares, o que vai ser espelhado na sociedade posteriormente. Um modelo que beneficia a explicação do professor em um ambiente controlado, identificado pela presença do professor como orador e ativo e alunos como ouvintes ativos (Teixeira e Reis, 2012, p. 172)

Por outro lado, o modelo de ensino expositivo, tradicional, com abordagem pedagógica que privilegia a explicação de novos conteúdos e informações aos alunos, requer um ambiente muito estruturado, caracterizado por um professor que saiba ser um

orador ativo e por alunos que sejam ouvintes ativos.

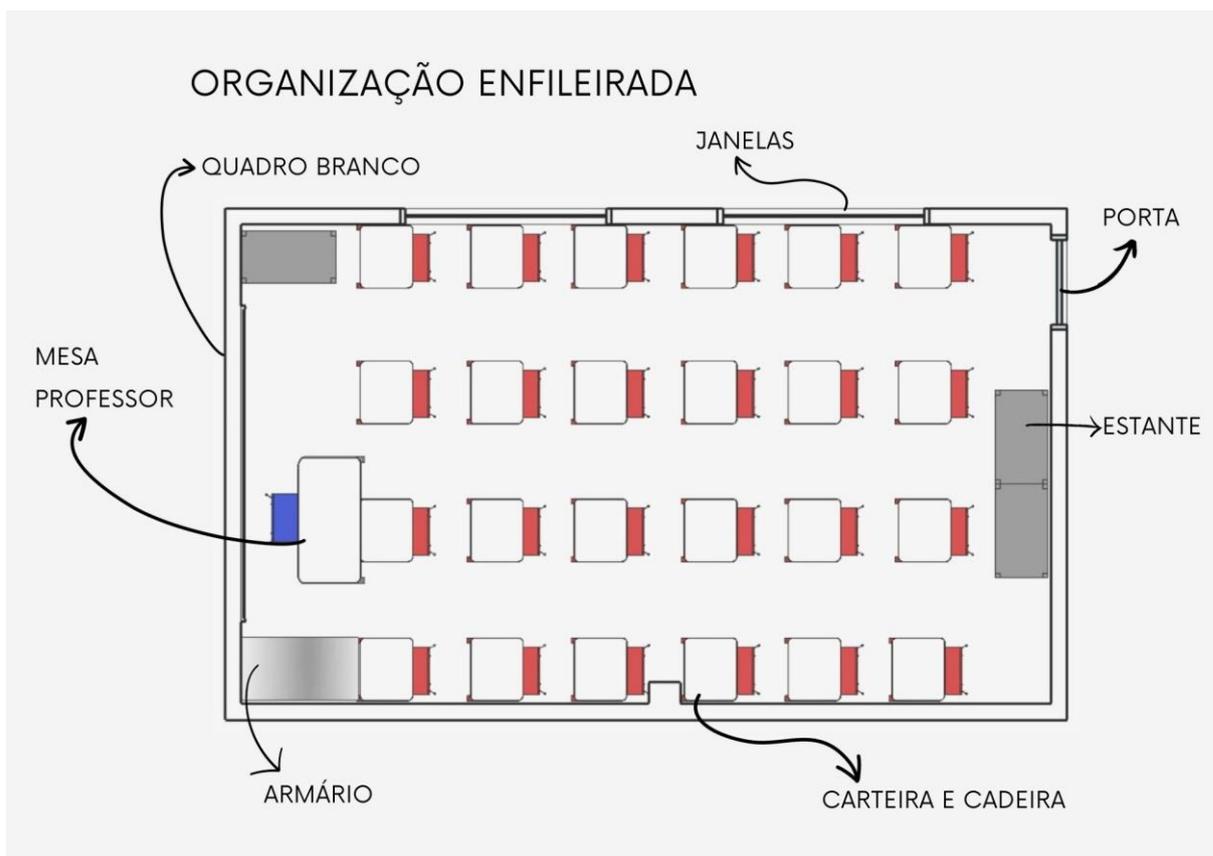


Imagem 03: Imagem 3D da organização enfileirada. (Imagem produzida pela autora)

A segunda possibilidade de organização é em pares, com uma fileira com duas carteiras em cada lateral e uma fileira com uma carteira no meio da sala para alunos que necessitam do auxílio do professor ou de um residente. Na primeira aula da professora regente, a sala é reorganizada e os alunos são distribuídos de forma intencional para proporcionar o aprendizado com pares. Entretanto, para os alunos que ficavam no centro da sala, eram utilizadas ferramentas para auxiliá-los, além da presença do professor ou do residente.

Assim, devido ao tamanho da sala o som de conversas tinha o potencial de interferir de forma exponencial na concentração de todos os alunos. Dessa maneira, a organização supracitada também facilitava na diminuição de conversas em volume alto. Aqui está um exemplo de organização que promove a interação entre os alunos, a troca de experiências e o auxílio.

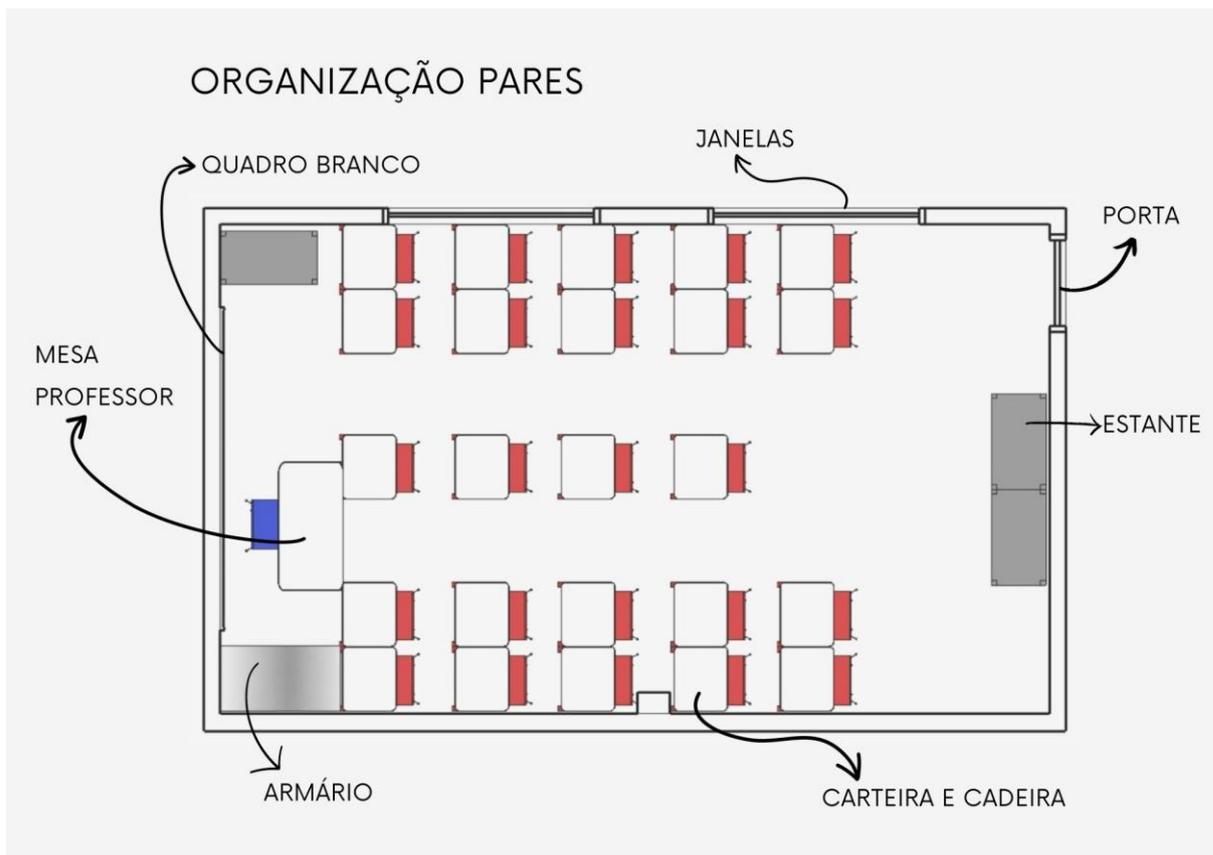


Imagem 04: Imagem 2D da organização em pares proposta pela professora. (Imagem produzida pela autora)

A terceira possibilidade feita pela professora foi a organização conhecida como U, na qual as carteiras formam um U deixando o centro e a frente livres. Além de proporcionar que os alunos visualizem uns aos outros e se comuniquem facilmente, também, diminui o som dentro de sala, de modo que ele também auxilia no aprendizado em pares, pois assim como na segunda possibilidade a professora regente que organiza esse espaço e os alunos dentro do mesmo. Nesse caso, pela escassez de espaço, havia a necessidade de colocar algumas carteiras em uma fileira no meio do U e tinha o mesmo objetivo da fileira com carteira única da primeira proposta.

Essa organização assim como a primeira também promove a interação entre os alunos de forma facilitada, possibilitando interação entre eles, a troca de experiências e o auxílio.

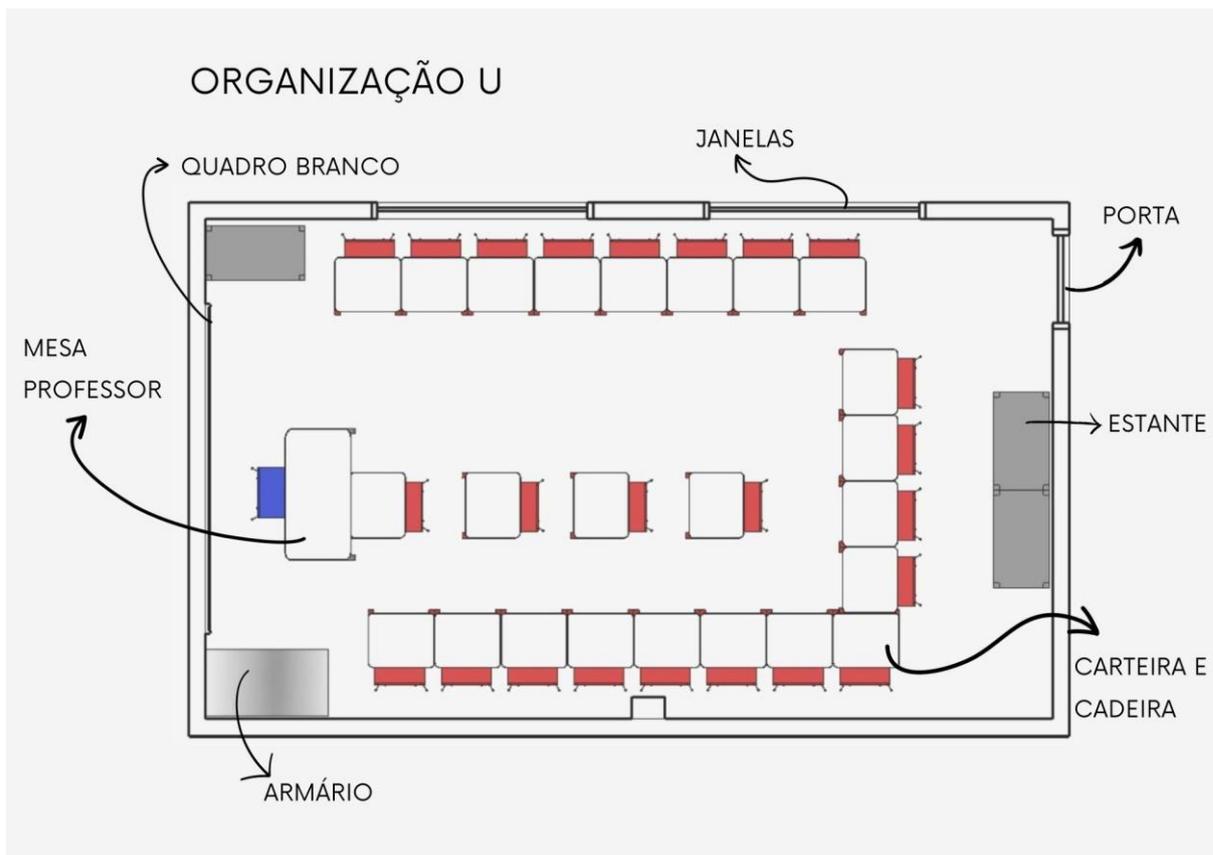


Imagem 05: Imagem 2D da organização em U proposta pela professora. (Imagem produzida pela autora)

A segunda e terceira organização proposta pela professora regente tem sua linha teórica baseada no conceito Vigotskiano da Zona de Desenvolvimento Proximal, estabelecendo uma organização que promovesse a relação entre os alunos e proporcionado o aprendizado entre os pares e os próximos.

Vale ressaltar que a segunda e terceira organizações nem sempre funcionavam com exatidão, pois os alunos estavam inseridos em um ambiente social, tendo muita interação entre seus pares, então sempre ocorria conversas e trocas. Todavia, um ponto que deve ser lembrado é que todo som produzido na sala é agravado pelo som da quadra e do playground.

Ao observar todas as possibilidades apresentadas, as disposições do ambiente, o mobiliário e a estrutura física da sala de aula é possível ver a sala de aula se adaptando a estrutura física sem levar em conta as interações entre os alunos, o espaço da sala.

Considerações finais

É indubitável que o ambiente escolar é reflexo da nossa sociedade, dessa forma a organização da sala não poderia ser vista de forma diferente. O ambiente poderoso sobre o qual discutimos neste trabalho, por diversas vezes não é tratado com a devida importância e questões como a utilização do espaço e a organização passam despercebidas.

Destarte, a educação tenta reverter essa influência dando aos alunos uma outra experiência dentro da sala de aula, sendo que o ambiente da sala é um local do início da construção do conhecimento através do aprendizado constante. Quando observamos um ambiente orgânico, real e em pleno funcionamento é possível observar aspectos de sua forma influenciando a função, ou seja, a estrutura física atuando na função do ambiente de modo incisivo. Porém não deveria ser desse modo, a forma do ambiente não deveria atuar sobre sua função de modo negativo. Ao analisar as ferramentas utilizadas nesse ambiente infere-se que o espaço se ajusta estrutura física do local, porém sem considerar as relações, o convívio no espaço, a influencia que este sofre da sociedade ou a organização proposta nesse espaço, e como todos eles podem inspirar a formação do cidadão.

Não obstante, pode-se concluir que é a partir da sala de aula que os alunos são treinados para servirem a sociedade, de modo que sua organização influencia com costumes, códigos e regras. Deste modo, a organização também pode ser aliada no propósito de formar indivíduos que irão alterar a sociedade, seus costumes, códigos e regras. Sendo assim, uma organização pode ser capaz de promover questões como a autonomia ou a codependência, o auxílio entre pares ou o individualismo, bem como indivíduos ativos ou passivos dentro do ambiente escolar e dentro da sociedade.

Referências

BRASIL. **Mobiliário escolar – Manual de uso e conservação**. Portal do Governo Brasileiro, 2015. Disponível em <https://www.fnde.gov.br/portaldecompras/index.php/portal/informes/item/1263-mobiliario-escolar-manual-de-uso-e-conservacao>. Acessado em: 06/11/2023.

BRASIL. **Programa de Residência Pedagógica**. Ministério da educação, 2023. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acessado em: 21/07/2023.

BRASIL. **Manual de orientações técnicas - Volume 03: Elaboração de projetos de edificações escolares: Ensino Fundamental**. Ministério da Educação, 2023. Disponível em <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/par/manuaispar/VolumelllProjetosEd.EscolaresEnsinoFund.a mental.pdf>. Acessado em: 07/08/2023.

COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. A educação no Brasil Colonial (1549-1759). In: **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Organizadores: Ednéia Regina Rossi, Elaine Rodrigues, Fátima Maria Neves. 2. ed. rev. Maringá: Eduem, 2009.

DIAS, Eduardo Brasileiro; PINHEIRO, Francisco Alves; PINHEIRO, Alba Valeria de Barros e Silva. **Influência dos aspectos ergonômicos de sala de aula na atividade de ensinoaprendizagem: o caso de uma escola de ensino fundamental e médio na cidade de Petrolina/PE/Brasil**. ENEGEP. 2015. Disponível em https://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STP_209_238_27016.pdf. Acessado em: 29/10/2023.

GARCIA, Patrícia Melasso. **Pedagogias Invisíveis do Espaço Escolar**. Brasília: PPG/FAU/UnB, 2016. 407. p. 392-402.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Catálogo de ambiente – edificação escolar**. Julho/ 2022 – Revisado em Julho/2023. Disponível em <https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/Interna.aspx?codigoMenu=158>. Acessado em: 29/10/2023.

NEVES, Fátima Maria. O método pedagógico de Lancaster e a instituição do estado nacional brasileiro. In: **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Organizadores: Ednéia Regina Rossi, Elaine Rodrigues, Fátima Maria Neves. 2. ed. rev. Maringá: Eduem, 2009.

PEREIRA, Pedro Henrique Medeiros; RESENDE, Ana Cláudia Pereira de. **Conforto Acústico em ambientes escolares**. Distrito Federal: UniCEUB, 2019.

TEIXEIRA, Madalena Telle; REIS, Maria Filomena. **A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa**. Rio de Janeiro: Revista Meta Avaliação, 2012, v.4 n°11, p. 162-187.

VENTURA, Jaqueline P. **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos**. 2001. Disponível em <http://ppgo.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/296/2017/12/educacao-jovens-adultos-trabalhadores-revendo-marcos.pdf>. Acessado em 24/10/2023.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. Paulo: Martins Fontes, 2007.

YOUNG, Michael. PARA QUE SERVEM AS ESCOLAS? In: DANIELS, Lauder e Porter. **The Routledge Companion to Education**. Routledge (ISBN 978-0-415-

41113-4), 2007. Tradução: Márcia Barroso, com revisão técnica de Maria Inês Marcondes.

LIBARDI, Ester Bisolli. **ILUMINAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR - A influência da iluminação em escolas de ensino fundamental da rede pública municipal na cidade de Linhares**. ES. ARACRUZ/ES, 2017. Disponível em http://www.faacz.com.br/repositorio_de_tccs/2017/2017-CAU-Ester%20Bisolli%20Libardi.pdf. Acessado em: 29/10/2023.